

A REVOLTA DE ATLAS

“Asfixiar a criatividade e a liberdade pode custar muito caro. Esta é uma das mensagens mais fortes que este romance filosófico de Ayn Rand, escrito em 1957, mas atual como nunca, nos traz. O setor produtivo deve atuar em um cenário de liberdade e com o forte compromisso de buscar racionalidade, eficiência e sustentabilidade.”

– DAVID FEFFER – Presidente da Suzano Holding S/A e
do Conselho de Administração da Suzano Papel e Celulose S/A

“Ayn Rand é a musa do libertarianismo moderno, filósofa de qualidade e importante romancista. Rand foi central para a consolidação de uma das bases do movimento libertário – o notável *princípio da não agressão*, segundo o qual se considera ilegítimo o recurso à força física, ameaça e fraude contra inocentes ou sua propriedade. *A revolta de Atlas* é uma primorosa e cativante dramatização da filosofia de Rand e um dos livros mais influentes de todos os tempos.”

– HELIO BELTRÃO – Presidente do Instituto Mises Brasil e
um dos Fundadores do Instituto Millenium

“Difícilmente uma obra irá colocar de forma tão clara e transparente o conflito entre o Estado e a iniciativa privada, uma realidade ainda atual em muitas sociedades. Em seu esforço de empreender, gerar empregos e produção, o empresário se depara com um Estado burocrático que limita suas ações. Várias obras históricas retratam essa mesma temática, mas somente o texto primoroso de Ayn Rand destaca o sofrimento humano gerado por todo este processo.”

– JORGE GERDAU JOHANNPETER – Presidente do Conselho de Administração da GERDAU

“Este livro gera uma reflexão única: questiona verdades quase absolutas, provoca o exame de premissas que parecem legítimas e desafia os indivíduos a encontrar a verdadeira moral que irá guiar suas vidas.”

– PAULO UEBEL – Diretor Executivo do Instituto Millenium

“A crise de 2007 e 2008 trouxe de volta a ameaça do Estado totalitário, controlador, pesado, burocrático e opressor. John Galt é a resposta a este leviatã. A longo prazo é o capitalismo que proporcionará mais riqueza e bem-estar.”

– SALIM MATTAR
Presidente do Conselho de Administração e
CEO da Localiza Rent a Car S/A

“Este livro demonstra não apenas a importância de ter princípios e valores, mas, principalmente, a importância de ter coerência entre discurso e prática. Sem dúvida, é uma leitura indispensável para aqueles que pensam o Brasil.”

– WILLIAM LING – Diretor do Instituto Ling

AYN RAND

**A REVOLTA
DE ATLAS**

VOLUME I



No Brasil, infelizmente, não se tem a cultura de investir em ideias. Entretanto, o Instituto Millenium e todos aqueles que contribuíram para viabilizar a edição desta obra acreditam no poder das ideias e, principalmente, na força de valores e princípios. Ao longo da história, concepções como democracia, economia de mercado, estado de direito e liberdade geraram elevados índices de prosperidade e desenvolvimento humano em todo o mundo.

Não será diferente no Brasil, desde que se tenha o compromisso de pôr essas concepções em prática com coerência e constância. Muitas vezes, porém, são escolhidos caminhos que geram resultados positivos a curto prazo, mas que trazem muitos prejuízos para a sociedade a médio e a longo prazo. *A revolta de Atlas* aborda um exemplo de sociedade sem princípios e valores, na qual uns tomam dos outros, sem compromisso com a perenidade das medidas e com o futuro do país. Destruir riqueza ou dificultar a vida daquelas pessoas que trabalham para ter um futuro melhor não contribui para reduzir as desigualdades nem para melhorar a sociedade.

Vale aqui registrar o agradecimento à Editora Sextante, que acreditou no potencial da obra e conduziu todo o processo para a reedição do livro *Atlas Shrugged*, anteriormente traduzido como *Quem é John Galt?*. A visão da editora e seu profissionalismo garantiram um trabalho primoroso.

A contribuição inestimável de empresas e instituições reconhecidas pelo seu trabalho de excelência também deve ser mencionada. Sua atuação serve de estímulo para se continuar trilhando um caminho sólido e seguro de fortalecer valores que contribuem decisivamente para que o Brasil seja mais livre, democrático, próspero e com elevados níveis de desenvolvimento humano. É importante reconhecer o fundamental apoio dessas organizações que, no seu dia a dia, ajudam a criar uma visão de país calcada em princípios e valores sólidos. Sua participação reforça a importância do livro *A revolta de Atlas* e dos seus significativos ensinamentos. Muito obrigado.

PAULO UEBEL – Diretor Executivo do Instituto Millenium



VOLUME I
NÃO CONTRADIÇÃO

CAPÍTULO 1

O TEMA

— QUEM É JOHN GALT?

A luz começava a declinar, e Eddie Willers não conseguiu distinguir o rosto do vagabundo, que tinha falado de modo simples, sem expressão. Mas, do crepúsculo lá longe, no fim da rua, lampejos amarelos alcançaram seus olhos, que, galhofeiros e parados, fitavam Willers diretamente – como se a pergunta se referisse àquele mal-estar inexplicável que ele sentia.

– Por que você disse isso? – perguntou Willers, tenso.

O vagabundo se encostou no batente da porta. Uma vidraça partida por trás dele refletia o amarelo metálico do céu.

– Por que isso o incomoda? – perguntou.

– Não me incomoda – rosnou Willers.

Mais que depressa, enfiou a mão no bolso à procura de uma moeda. O vagabundo o havia detido, lhe pedira uma moeda e continuava falando, como se tentasse ultrapassar aquele momento e adiar o seguinte. Pedir dinheiro nas ruas já havia se tornado tão frequente que ninguém mais perdia tempo ouvindo explicações – e Eddie não estava interessado em conhecer os detalhes do desespero específico daquele pedinte.

– Vá tomar um café – disse, estendendo a moeda para aquela sombra sem rosto.

– Muito obrigado, senhor – disse a voz, sem interesse, e a cabeça se inclinou para a frente por um momento. Tinha a face curtida pelo vento, sulcada por rugas de cansaço e por cínica resignação, e os olhos eram inteligentes.

Eddie Willers continuou caminhando, enquanto se perguntava a razão de ter sempre, a esta hora do dia, a mesma sensação inexplicável de medo. *Não, pensou. Não é medo, não há nada a temer. O que há é mais uma apreensão imensa e difusa, sem origem e sem causa.* Ele se acostumara à sensação, mas não conseguia defini-la. Ademais, o vagabundo falara como se soubesse de seus sentimentos, como se achasse que alguém deveria sentir aquilo e, ainda mais, como se conhecesse o motivo.

Eddie Willers se empertigou, exercendo sua autodisciplina. *Preciso acabar com isso,* pensou. Estava começando a imaginar coisas. Sempre sentira aquilo? Estava com 32 anos. Tentou se lembrar. Não, não tinha sido sempre assim; mas ele não podia se lembrar de quando começara. A sensação lhe chegara subitamente, a intervalos irregulares, e agora estava mais insistente que nunca. *É o crepúsculo,* pensou. *Eu detesto o crepúsculo.*

As nuvens e os topos dos arranha-céus contra elas começavam a adquirir uma tonalidade marrom, como num velho quadro a óleo, com a cor evanescente de uma obra-prima já desbotada. Longas raias de sujeira escorriam pelas paredes carcomidas de

fuligem. Bem no alto de uma torre, havia uma rachadura com o formato de um raio imóvel, que se prolongava por uns 10 andares. Um objeto denteado cortava os céus, acima dos tetos: era a metade de um pináculo, que ainda refletia o brilho do pôr do sol. O dourado que antes recobrira a parte fosca já descascara havia muito tempo. O brilho era vermelho e sereno como o reflexo de um incêndio, não um incêndio ativo, mas um que já está morrendo, que não foi possível conter a tempo.

Não, pensou Eddie Willers, não há nada de perturbador na visão da cidade. Ela parece a mesma de sempre.

Ele continuou caminhando, lembrando-se de que havia se atrasado na volta ao escritório. Não lhe agradava nada a tarefa que teria de concluir quando chegasse, mas era preciso que fosse feita. Assim, para não atrasá-la ainda mais, apressou o passo.

Virou uma esquina. Pelo estreito espaço entre as silhuetas negras de dois edifícios, como através de uma fresta numa porta, ele viu a página de um gigantesco calendário suspenso no céu.

Era o calendário que o prefeito de Nova York tinha colocado, no ano anterior, no topo de um edifício, de tal modo que os cidadãos pudessem ver os dias do mês como viam as horas: olhando de relance para o alto do prédio. Era um retângulo branco sobre a cidade, que informava a data aos homens nas ruas, lá embaixo. Na luz cor de ferrugem do crepúsculo, o retângulo avisava: 2 de setembro.

Eddie Willers desviou o olhar. Jamais gostara de ver esse calendário. Era uma visão que o perturbava de um modo que não podia explicar nem definir. A sensação parecia se misturar àquela de constrangimento que há pouco experimentara: tinha as mesmas características.

Pensou subitamente que havia uma frase, uma citação que expressava o que o calendário lhe parecia sugerir. Mas não pôde se lembrar. Caminhou, procurando alcançar mentalmente uma frase que pairava em seu espírito como uma forma vazia. Não conseguia preenchê-la, nem descartá-la. Olhou para trás. O retângulo branco, lá no alto, continuava proferindo sua sentença: 2 de setembro.

Eddie Willers baixou o olhar para a rua, para uma carrocinha de verduras parada diante de uma casa de pedra. Viu uma pilha de cenouras douradas e brilhantes e o verde fresco das cebolas. Uma cortina de impecável alvura ondulava através de uma janela aberta. Um ônibus, dirigido por um motorista competente, virava uma esquina. Perguntou-se por que voltara a se sentir tranquilo – e também por que desejava subitamente que essas coisas todas não fossem deixadas a descoberto, desprotegidas contra o espaço vazio de cima.

Quando chegou à Quinta Avenida, seguiu olhando as vitrines pelas quais passava. Não estava precisando de nada nem queria comprar nada, mas gostava de ver a arrumação das mercadorias, quaisquer que fossem, objetos feitos pelo homem, para uso do homem. Alegrou-se com a visão de uma rua próspera: apenas uma em cada quatro lojas estava desativada, com as vitrines escuras e vazias.

Sem saber por quê, subitamente se lembrou do carvalho. Nada parecia trazê-lo diretamente à lembrança. Mas pensou nele, nos verões de sua infância na propriedade dos Taggart. Eddie passara a maior parte de sua infância com as crianças de lá e agora trabalhava para elas, como seu pai e seu avô haviam trabalhado para os pais e os avós delas.

O grande carvalho ficava numa montanha sobre o rio Hudson, em um lugar isolado da propriedade dos Taggart. Eddie, com 7 anos, gostava de olhar para ele. Estava lá havia centenas de anos e parecia ao menino que lá ficaria para sempre. Suas raízes seguravam a montanha como dedos cravados no solo, e ele imaginava que se um gigante quisesse arrancá-lo pelos galhos, não o conseguiria. Conseguiria, sim, balançar a montanha e, com ela, toda a terra, que ficaria como uma bola pendurada por uma corda. Ele sentia-se seguro, diante do carvalho: era algo que nada nem ninguém podia alterar ou ameaçar – era para ele o símbolo maior da força.

Certa noite, um raio atingiu o carvalho. Eddie o viu na manhã seguinte. Estava partido ao meio, e o menino olhou o tronco como quem olha para a boca de um túnel negro: ele era apenas uma concha oca. Sua massa interna tinha apodrecido havia muito tempo: não existia nada lá dentro, apenas uma fina poeira cinzenta que se dispersava ao capricho da mais leve brisa. Fora-se o poder vital e, sem ele, a forma que ficara não tinha podido se manter.

Anos mais tarde, ele ouviu dizer que as crianças devem ser protegidas contra choques, contra seu primeiro contato com a morte, a dor, o medo. Mas essas eram coisas com as quais ele não se assustava. Seu choque viera naquele instante, quando permanecera quieto, olhando o buraco negro do tronco. Fora uma sensação profunda de traição – ainda pior, porque ele não podia identificar exatamente o que ou quem havia sido traído. Não fora ele, sabia-o bem, nem sua fé – era algo mais. Permaneceu ali por algum tempo, em total silêncio, e depois voltou para casa. Não falou sobre aquilo com ninguém, nem na hora, nem depois.

Eddie Willers balançou a cabeça, no momento em que o ruído de um mecanismo enferrujado de sinal de trânsito interrompeu seu caminho no meio-fio. Sentiu raiva de si mesmo. Não havia por que relembrar o carvalho hoje. Já não significava mais nada para ele, apenas uma tintura esmaecida de tristeza – e, em alguma parte em seu íntimo, uma gotícula de dor, movendo-se rapidamente e desaparecendo como um pingo de chuva na vidraça da janela, mal deixando visível o seu curso em forma de ponto de interrogação.

Não queria associar lembranças tristes à sua infância. Amava suas recordações: cada um daqueles dias, ele via agora, parecia-lhe inundado pela luz solar, tranquila e brilhante. Parecia-lhe que alguns daqueles raios chegavam até seu presente. Não eram raios, exatamente: mais pareciam pequenos pontos de luz, que conferiam um ocasional momento de brilho ao seu trabalho, ao seu apartamento, onde vivia solitário, no ritmo calmo e escrupuloso de sua existência.

Lembrou-se de um dia de verão, quando tinha 10 anos. Naquele dia, numa clareira do bosque, sua mais querida companheira de infância lhe disse o que fariam quando crescessem. As palavras foram duras e brilhantes como os raios de sol. Ele ouviu admirado. Quando ela lhe perguntou *o que* desejaria fazer, ele respondeu de imediato: “O que for certo.” E acrescentou: “E preciso fazer alguma coisa que seja grande... Quero dizer, nós dois juntos.” E ela: “O quê, por exemplo?” Ele respondeu: “Não sei. É o que nós devemos descobrir. Não o que você disse. Não é trabalho nem um modo de ganhar a vida. Mas algo como ganhar batalhas, salvar pessoas de incêndios ou escalar montanhas.” “Para quê?”, perguntou ela. E ele: “No último domingo, o pastor disse que devemos procurar alcançar o melhor de nós. O que você acha que há de melhor em nós?” “Não sei.” E ele concluiu: “Precisamos descobrir.” Ela não disse mais nada. Estava olhando para longe, para a estrada de ferro, que se perdia na distância.

Eddie Willers sorriu. Ele dissera: “O que for certo.” E isso fora há 22 anos. Desde então, essa deliberação permanecera inalterada em sua vida. Todas as demais questões se evanesceram em sua mente – não tinha tempo para elas. Mas ainda lhe parecia evidente que cada um devia fazer o que fosse direito: jamais entendera como alguém podia desejar outra coisa. Sabia apenas que isso ocorria. E isso ainda lhe parecia uma coisa ao mesmo tempo simples e incompreensível – simples, o fato de que as coisas devem estar certas; e incompreensível, que não estivessem. Sabia que não estavam. Era nisso que pensava quando dobrou a esquina e chegou ao grande prédio da Taggart Transcontinental.

O edifício era a mais alta e mais orgulhosa construção da rua. Willers sempre sorria ao primeiro impacto de sua visão. Todas as janelas nas longas fileiras estavam intactas, ao contrário das dos prédios vizinhos. Suas linhas ascendentes cortavam o céu sem cantos empoeirados e sem bordas quebradas. Ele parecia ser imune ao próprio tempo, sempre incólume. *Estaria ali sempre*, pensou.

Cada vez que ele entrava no Edifício Taggart, experimentava uma sensação de alívio e segurança. Aquele era o lugar da competência e do poder. O piso da entrada era um verdadeiro espelho feito de mármore. Os gelados retângulos das luminárias pareciam pedaços de luz sólida. Por trás das divisórias de vidro, filas de moças batiam à máquina, o ruído das teclas parecia o som de rodas de trem. E, como um eco, às vezes um tremor discreto atravessava as paredes, vindo lá de baixo do prédio, dos túneis do grande terminal, de onde os trens partiam e para onde convergiam, para cruzarem o continente e pararem depois de cruzá-lo de novo, como partiam e paravam geração após geração. “*Taggart Transcontinental*”, pensou Eddie Willers, “*De oceano a oceano*”, orgulhoso slogan de sua infância, tão mais brilhante e sagrado do que qualquer dos mandamentos da Bíblia. “*De oceano a oceano, para sempre*”, continuou pensando, enquanto caminhava para o coração do edifício, o escritório de James Taggart, presidente da Taggart Transcontinental.

James Taggart estava sentado à mesa de trabalho. Parecia um cinquentão que tivesse chegado a tal idade diretamente da adolescência, sem passar pelo estágio intermediário da juventude. Tinha a boca pequena e petulante e alguns raros fios de cabelo se elevavam na fronte calva. Seu ar desleixado e sua má postura pareciam desafiar o corpo alto e esguio, cuja elegância, condizente com a de um aristocrata confiante, transformava-se na falta de jeito de um palerma. A pele do rosto era pálida e macia. Os olhos, mortiços e velados, em movimentos lentos e incessantes, deslizavam pelas coisas como num eterno ressentimento por elas existirem. Parecia obstinado e gasto. Tinha 39 anos.

Levantou a cabeça irritado ao som da porta que se abria.

– Não me perturbe, não me perturbe, não me perturbe – disse James Taggart. Eddie Willers se dirigiu para a mesa.

– É importante, Jim – disse, sem levantar a voz.

– Está bem, está bem. De que se trata?

Willers olhou para um mapa na parede do escritório. Suas cores, por trás do vidro da moldura, estavam desmaiadas, e ele se perguntou quantos presidentes Taggart haviam se sentado diante desse mapa, e por quantos anos. A Rede Ferroviária Taggart Transcontinental era uma trama de linhas vermelhas, que cortava o corpo empalidado do país, de Nova York a São Francisco, e parecia uma rede de vasos sanguíneos. Como se o sangue, uma vez, muito tempo atrás, tivesse atingido a artéria principal e, sob a pressão de sua própria intensidade e abundância, tivesse se ramificado ao acaso, preenchendo, por fim, todo o país. Uma tira vermelha se retorcia desde Cheyenne, Wyoming, até El Paso, Texas – a Linha Rio Norte da Taggart Transcontinental. Novas rotas haviam sido adicionadas recentemente, e o grande veio vermelho se estendera ao sul para além de El Paso. Willers se virou abruptamente quando seus olhos encontraram aquele ponto do mapa.

Ele olhou para Taggart e disse:

– Trata-se da Linha Rio Norte. – Viu o olhar de Taggart se desviando para baixo, correndo pela beira da escrivania. Então continuou: – Tivemos outro acidente.

– Acidentes ferroviários ocorrem todos os dias. Você tinha de me incomodar com isso?

– Você sabe do que estou falando, Jim. A Rio Norte está liquidada. Aquela via acabou. Toda ela.

– Estamos providenciando trilhos novos.

Willers continuou, como se não tivesse havido resposta alguma:

– A via está acabada. Não adianta mais pôr trens para andar nela. As pessoas já estão desistindo deles.

– Na minha opinião, não há uma só ferrovia no país que não tenha alguns setores deficitários. Não somos os únicos. É uma situação nacional. Temporária, mas nacional.

Willers permaneceu em silêncio, olhando para ele. O que Taggart detestava nele

era o seu hábito de olhar diretamente para os olhos das pessoas. Os olhos de Willers eram azuis, grandes e penetrantes, os cabelos eram louros, o rosto quadrado nada tinha de notável, a não ser o ar de escrupulosa atenção e curiosidade.

- Mais alguma coisa? – perguntou Taggart, ríspido.
- Vim apenas lhe dizer algo que você devia saber. Alguém tinha de lhe dizer.
- Que tivemos outro acidente?
- Que não podemos abandonar a Rio Norte.

James Taggart raramente levantava a cabeça. Quando olhava as pessoas, apenas elevava as pesadas sobrancelhas sem erguer a cabeça.

– Quem está pensando em abandonar a Linha Rio Norte? – perguntou. – Jamais se pensou em abandoná-la. Fico magoado por ouvi-lo dizer isso. Fico muito magoado mesmo.

– Mas não conseguimos manter seus horários nos últimos seis meses. Não completamos uma única viagem sem algum contratempo, grande ou pequeno. Estamos perdendo nossos clientes, um por um. Quanto tempo podemos aguentar assim?

– Você é um pessimista, Eddie. Não tem fé. É isso que termina minando o ânimo da nossa organização.

- Quer dizer que nada será feito quanto à Rio Norte?
- Eu não disse isso. Assim que tivermos trilhos novos...

– Jim, não vai haver trilhos novos. – Ele viu os olhos de Taggart se deslocarem lentamente para cima. – Acabo de voltar dos escritórios das Siderúrgicas Associadas. Falei com Orren Boyle.

- O que foi que ele disse?
- Falou durante uma hora e meia e não me deu nenhuma resposta direta.
- Por que foi incomodá-lo? Se não me engano, a primeira entrega de trilhos está marcada para o próximo mês.
- É, mas já esteve marcada para três meses atrás.
- Foram circunstâncias imprevisíveis. Absolutamente fora do controle de Orren.
- E já esteve marcada para seis meses antes, Jim. Estamos esperando que as Siderúrgicas Associadas nos façam essa entrega há 13 meses.

– O que você quer que eu faça? Não posso tocar para a frente os negócios de Orren Boyle.

- Compreenda que não podemos esperar.

Taggart perguntou lentamente, com a voz meio zombeteira, meio cautelosa:

- O que minha irmã disse a respeito?
- Ela só volta amanhã.
- Muito bem, o que quer que eu faça?
- Cabe a você decidir.
- Bem, não importa o que você diga, só não mencione a Siderúrgica Rearden. Willers não respondeu de imediato, mas depois falou calmamente:

– Está bem, Jim. Não tocarei nesse assunto.

– Orren é meu amigo. – Sem resposta, continuou: – Sua atitude me magoa. Orren Boyle entregará os trilhos assim que for possível. Enquanto ele não fizer a entrega, ninguém pode dizer que a culpa é nossa.

– Jim! O que você está dizendo? Não entende que a Rio Norte está acabando, quer nos culpem, quer não?

– As pessoas estariam conformadas com a situação – teriam de estar – se não fosse a Phoenix-Durango. – Ele olhou o rosto contraído de Willers. – Ninguém jamais se queixou da Linha Rio Norte até aparecer a Phoenix-Durango.

– A Phoenix-Durango está fazendo um trabalho brilhante.

– Ora, uma coisinha chamada Phoenix-Durango não pode competir com a Taggart Transcontinental! Há 10 anos eles tinham apenas uma ferroviazinha local para transporte de leite.

– Mas agora é deles a maior parte dos fretes do Arizona, do Novo México e do Colorado. – Taggart não respondeu. – Jim, não podemos perder o Colorado. É a nossa última esperança. É a última esperança para todo mundo. Se não nos unirmos, vamos perder todos os grandes carregamentos do estado para a Phoenix-Durango. Já perdemos os dos campos de petróleo Wyatt.

– Queria saber por que todo mundo vive falando dos campos de petróleo Wyatt.

– Porque Ellis Wyatt é um prodígio que...

– Ellis Wyatt que se dane!

Aqueles campos de petróleo, pensou Willers subitamente, não teriam algo em comum com os vasos sanguíneos do mapa? Não era aquele o caminho que a rede avermelhada da Taggart Transcontinental tinha seguido através do país anos antes – fato que agora parecia inacreditável? Pensou nos poços de petróleo fazendo jorrar uma torrente negra capaz de atravessar um continente mais rapidamente, talvez, do que os trens da Phoenix-Durango. Aqueles campos de petróleo tinham sido apenas um monte de rochas nas montanhas do Colorado, abandonados anos antes por terem sido considerados esgotados. O pai de Ellis Wyatt, que tinha trabalhado tanto, não conseguira mais que um obscuro fim de vida, sugando o que restara dos poços de petróleo exauridos. E agora era como se alguém tivesse dado uma injeção de adrenalina no coração da montanha, e ele voltasse a bater, o sangue negro tinha jorrado através das rochas. Sangue, evidentemente, pensou Willers, porque é o sangue que alimenta, que dá vida, e era isso o que vinha dando a Petróleo Wyatt. Fizera voltar à vida depressões vazias do solo. Trouxera novas cidades, novas redes de energia, novas fábricas a uma região que ninguém jamais havia notado no mapa. Novas fábricas, pensou Eddie Willers. Num tempo em que os rendimentos dos fretes de todas as grandes e velhas indústrias estavam caindo lentamente a cada ano. Ali estava um rico campo petrolífero novo, numa época em que poços paravam de produzir – e paravam cada vez mais – em todos os famosos campos até então existentes. Um novo estado industrial num lugar em que

ninguém jamais esperara nada além de gado e beterrabas. Um homem havia conseguido tudo aquilo, e em apenas oito anos. Parecia, pensou Willers, uma daquelas histórias que ele encontrava em seus livros escolares e que lia sem acreditar no que diziam, as histórias de homens que haviam vivido nos anos da juventude do país. Gostaria de conhecer Ellis Wyatt. Havia muito falatório a respeito dele, mas pouca gente, na verdade, o conhecia. Ele só vinha a Nova York raramente. Dizia-se que tinha 33 anos e um gênio violento. Tinha descoberto alguma maneira de reativar poços de petróleo exauridos e passara a fazer isso.

– Ellis Wyatt é um calhorda ambicioso que só se interessa por dinheiro – disse Taggart. – Para mim, há coisas mais importantes do que ganhar dinheiro.

– De que você está falando, Jim? Isso não tem nada a ver com...

– Além do mais, ele nos traiu. Nós demos atendimento aos campos petrolíferos da Wyatt durante anos, com a maior eficiência. Nos tempos do velho Wyatt, levávamos um carro-tanque por semana.

– Não estamos mais nos tempos do velho Wyatt, Jim. A Phoenix-Durango carrega dois carros-tanque por dia regularmente para eles.

– Se ele tivesse nos dado tempo de crescer junto com ele...

– Ele não tem tempo a perder.

– O que ele quer? Que abandonemos todos os nossos outros fretes, que sacrifiquemos os interesses do país inteiro e que demos a ele todos os nossos trens?

– Não é isso. Ele não espera nada. Ele apenas faz negócios com a Phoenix-Durango.

– Para mim, ele não passa de um bandido inescrupuloso e destrutivo. Um arrivista irresponsável que está sendo hipervalorizado. – Era estranho perceber uma súbita emoção na voz sem vida de James Taggart. – Não estou tão seguro assim de que os campos petrolíferos dele sejam mesmo um benefício tão notável. A meu ver, ele deslocou a economia do país inteiro. Ninguém esperava que o Colorado se tornasse um estado industrial. Como podemos ter qualquer segurança ou planejar seja o que for, se tudo muda a toda hora?

– Pelo amor de Deus, Jim! Ele está...

– Sim, eu sei, eu sei. Ele está ganhando dinheiro. Mas, para mim, não é esse o critério adequado para medir o valor de um homem na sociedade. E, quanto ao petróleo dele, que Wyatt viesse até nós e esperasse a sua vez, como fazem os outros contratantes de fretes, e não pretendesse mais que a parte que lhe coubesse no transporte – é o que ele teria feito, se não fosse a Phoenix-Durango. Não é nossa culpa se temos de enfrentar esse tipo de competição destrutiva. Ninguém pode pôr a culpa em nós.

A pressão no peito e nas têmporas, pensou Willers, devia decorrer do esforço que ele estava fazendo. Decidira deixar as coisas claras de uma vez por todas, e assim elas estavam tão claras, pensou, que nada podia impedir Taggart de compreender tudo –

a menos que ele, Willers, não estivesse sabendo se expressar. Por isso se esforçara tanto. Mesmo assim, sentia que estava fracassando. Tal como costumava acontecer em todas as suas discussões. Dissesse ele o que dissesse, os outros nunca pareciam falar sobre o mesmo assunto que ele.

– Jim, o que está dizendo? De que importa que ninguém coloque a culpa em nós, se a ferrovia está apodrecendo?

James Taggart sorriu – era um sorriso sutil, zombeteiro e frio.

– É emocionante, Eddie. É emocionante a sua devoção à Taggart Transcontinental. Se você não tomar cuidado, vai se transformar num servo feudal.

– É o que eu sou, Jim.

– Mas posso perguntar se faz parte de suas atribuições discutir esses assuntos comigo?

– Não, não faz.

– Então, por que você não aprende que temos departamentos que se encarregam das coisas? Por que não vai falar sobre tudo isso com a pessoa encarregada? Por que não vai chorar no ombro da minha querida irmã?

– Olhe, Jim, eu sei que não me cabe falar com você. Mas não entendo o que está acontecendo. Não sei o que seus conselheiros lhe recomendam, nem por que não conseguem fazer com que você entenda a situação. Por isso pensei em vir falar com você, dizer eu mesmo o que acho.

– Prezo nossa amizade de infância, Eddie, mas você acha que isso lhe dá o direito de entrar sem se fazer anunciar, na hora em que bem entende? Considerando sua própria posição, não lhe caberia se lembrar de que sou o presidente da Taggart Transcontinental?

Era uma conversa cansativa. Como de costume, Eddie Willers olhou para ele sem ressentimentos, e, apenas espantado, perguntou:

– Quer dizer que você não pretende fazer nada quanto à Linha Rio Norte?

– Eu não disse isso. Não disse nada disso. – Taggart estava olhando para o mapa, para o risco vermelho ao sul de El Paso. – Logo que as minas de San Sebastián começarem a funcionar e nosso ramal mexicano começar a render...

– Não vamos falar disso, Jim!

Taggart se voltou, espantado com o inusitado fenômeno que era o tom de fúria implacável na voz de Eddie:

– Mas o que há?!

– Você sabe o que é. Sua irmã disse...

– Dane-se a minha irmã! – gritou James Taggart.

Willers não se moveu. Não deu nenhuma resposta. Permaneceu olhando para a frente, mas não estava vendo Taggart, nem qualquer outra coisa no escritório.

Depois de algum tempo, fez uma mesura e saiu.

Na antessala, os funcionários de James Taggart estavam apagando as luzes e se pre-

parando para deixar o escritório. Mas Pop Harper, chefe de seção, ainda sentado à sua escrivaninha, usava uma chave de fenda numa máquina de escrever meio desmontada. Todas as pessoas da empresa tinham a impressão de que Harper tinha nascido precisamente naquele canto, exatamente naquela escrivaninha, e que não pretendia sair dali. Ele era chefe desde os tempos do pai de Taggart.

Harper olhou para Willers, que saía do escritório do presidente. O olhar era inteligente, lento. Parecia dizer que sabia que a visita de Eddie era sinal de que havia algum problema na linha, que a visita de nada adiantara e que era indiferente à informação. Era a mesma indiferença cínica que Willers vira nos olhos do vagabundo, na rua.

– Diga lá, Eddie: onde posso comprar camisetas de lã? Procurei por toda a cidade e não encontrei nenhuma.

– Não sei – respondeu Willers, parando. – Por que me pergunta?

– Pergunto a todo mundo. Alguém há de saber me responder.

Willers olhou, pouco à vontade, para o rosto macilento, os cabelos brancos.

– Está frio aqui dentro – disse Harper. – Este ano o frio vai ser maior.

– O que está fazendo? – perguntou Willers, apontando para as peças da máquina.

– A danada enguiçou novamente. Não adianta mandar revisar fora: da última vez levaram três meses para consertá-la. Pensei em resolver eu mesmo. Ainda que apenas um conserto provisório. – Deixou o punho cair sobre as teclas. – Você está pronta para virar sucata, companheira. Seus dias estão contados.

Eddie se sobressaltou. Era aquela a frase que ele estivera tentando lembrar: “Seus dias estão contados.” Mas ele não se lembrava do contexto em que tentara se recordar dela.

– Não adianta, Eddie – disse Harper.

– Não adianta o quê?

– Nada. Coisa nenhuma.

– O que está acontecendo, Pop?

– Não vou requisitar uma nova máquina. As novas são feitas de lata. Quando as velhas se acabarem, vai ser o fim da escrita à máquina. Houve um acidente no metrô hoje de manhã. Os freios não funcionaram. Vá para casa, Eddie, ligue o rádio e ouça uma boa música para dançar. Esqueça, menino. Seu problema é que você nunca teve um passatempo. Roubaram as lâmpadas da escada, na entrada do prédio onde moro. E eu estou com uma dor no peito. Não consegui comprar pastilhas para tosse hoje de manhã, a farmácia da esquina faliu na semana passada. A Ferrovia Texas Ocidental declarou falência no mês passado. Fecharam a ponte de Queensborough ontem para reformas. Para quê? Quem é John Galt?



Ela estava sentada do lado da janela, no trem, a cabeça reclinada e uma das pernas estendida sobre o assento vazio à sua frente. Toda a janela tremia em seus encaixes

com a trepidação. A vidraça estava fechada para o vazio da escuridão, e pontos de luz atravessavam o vidro de quando em vez, deixando rastros luminosos.

Sua perna, moldada pela meia de seda apertada, era longa e reta, terminando no arco do pé, calçado num fino sapato de salto, e mostrava uma elegância feminina em nada condizente com a cabine poeirenta e também estranhamente em desacordo com a imagem geral dela. Ela usava um casaco de pele de camelo já bem surrado, que tinha custado caro e parecia estar jogado com descuido sobre o seu corpo magro e nervoso. Mantinha levantada a gola, que quase tocava a aba inferior do chapéu. Uma onda de cabelos castanhos se estendia para trás até os ombros. O rosto era anguloso, e fino o traço da boca, uma boca sensual, fechada com precisão inflexível. Estava com as mãos nos bolsos do casaco, rígida, como se a imobilidade lhe fosse desagradável. Seu ar era pouco feminino, como se não tivesse consciência do próprio corpo e de que este era um corpo de mulher.

Ouvia música. Era uma sinfonia triunfal. As notas fluíam, falavam de elevação espiritual e eram a própria elevação espiritual. Eram a essência e a forma do movimento ascensional, pareciam simbolizar todo ato e pensamento humanos associados com o princípio da ascensão. Era uma explosão sonora, emergindo de um esconderijo e se espalhando por toda parte. Tinha a força da liberdade e a tensão da firmeza. Varria todo o espaço e nada deixava atrás de si, senão a alegria do esforço que não encontra barreiras. Apenas um pequeno eco falava da sombra de onde havia escapado a música, mas falava com uma perplexidade alegre, ao descobrir que não havia nada feio ou doloroso, nem era preciso que houvesse. Era a música de uma imensa libertação.

Ela achou – pelo menos por alguns momentos, enquanto durava a sensação – que era perfeitamente legítimo se render totalmente, esquecer tudo e se deixar ficar apenas *sentindo*. Pensou: *Deixe tudo para lá. Desligue-se de tudo. É isso.*

Em alguma parte de sua mente, por baixo da música, ouvia o som das rodas nos trilhos. Elas mantinham um ritmo regular, com acento em cada quarta batida, como se tivessem uma consciência. Podia relaxar, já que ouvia as rodas. E, enquanto ouvia a sinfonia, pensava: eis a razão para que as rodas continuem girando – é para onde elas estão indo.

Jamais ouvira a sinfonia, mas sabia que fora composta por Richard Halley.

Reconhecia a violência e a magnífica intensidade de sentimentos. Reconhecia o estilo e o tema; era uma melodia ao mesmo tempo clara e complexa, composta numa época em que ninguém mais cuidava de melodias... Ficou olhando para o teto da cabine sem vê-lo, até esquecer onde estava. Não sabia se ouvia uma orquestra sinfônica ou apenas o tema da música. Talvez a orquestração estivesse em sua cabeça.

Pensou vagamente que não houvera ecos premonitórios desse tema em todo o trabalho de Richard Halley, durante todos os anos de sua longa luta até o dia em que, já homem de meia-idade, ele vira a fama chegar subitamente e o derrubar. Eis

aí – pensava ela ouvindo a sinfonia – a finalidade de toda a luta que ele desenvolvera. Lembrou-se de trechos musicais em que ele tentava sem sucesso atingir tal ponto – trechos que prometiam, tentavam, mas não chegavam ao ponto desejado. Quando Halley compôs isso, ele... Aí ela se pôs ereta, dura, na cadeira: *Quando foi que Richard Halley compôs isto?*

No mesmo instante, situou-se no tempo e no espaço e, pela primeira vez, se perguntou de onde vinha a música.

A alguns passos dali, no fim do vagão, um guarda-freio ajustava os controles do condicionador de ar. Era louro e jovem. Estava assoviando o tema da sinfonia. Só ao vê-lo é que ela percebeu que o assovio já durava algum tempo e que era tudo o que tinha ouvido. Olhou-o incrédula por um instante, antes de levantar a voz para lhe perguntar:

– Por favor, o que é que você está assoviando?

O rapazinho se voltou para ela. Seu olhar era direto, e ela viu um sorriso aberto e franco, como se o jovem estivesse trocando segredos com uma amiga. Ela gostou do rosto dele: tinha linhas retas e firmes, sem aquela aparência de músculos frouxos que fugiam da responsabilidade de ter forma, que ela sempre esperava encontrar no rosto das pessoas.

– É o concerto de Halley – respondeu ele, sorrindo.

– Qual deles?

– O quinto.

Ela deixou passar um momento até dizer lenta e cuidadosamente:

– Richard Halley só escreveu quatro concertos.

O sorriso no rosto dele desapareceu. Era como se ele, de súbito, fosse arremesado para a realidade, tal como acontecera a ela, momentos antes. Como se uma cortina baixasse deixando nele apenas uma face sem expressão, impessoal, indiferente e vazia.

– Ah, é isso mesmo – disse ele. – Foi um engano...

– Então o que era?

– Uma música que ouvi por aí...

– O quê, exatamente?

– Não sei.

– Onde você a ouviu?

– Não me lembro.

Ela fez uma pausa, desalentada. Ele ia se afastando, já sem maior interesse.

– Parece mesmo um tema de Halley – disse ela. – Mas eu conheço cada nota de tudo o que ele compôs e ele nunca compôs essa música aí.

O rosto permanecia sem expressão. Havia apenas um sinal fraco de atenção, à medida que ele se voltava para ela perguntando:

– A senhora gosta da música de Richard Halley?

– Gosto – respondeu ela. – Gosto muito.

O rapaz a encarou hesitante por uns momentos, depois se voltou e continuou seu trabalho. Dagny o observou: ele era eficiente e trabalhava em silêncio.

Ela estava sem dormir havia duas noites, pois não se podia permitir fazê-lo. Tinha muitos problemas em que pensar e pouquíssimo tempo: o trem devia chegar a Nova York bem cedo, na manhã seguinte. E, embora ela precisasse de tempo, queria que o trem fosse mais depressa. E aquele era um Cometa Taggart, o trem mais rápido do país.

Tentou pensar, mas a música permanecia em sua mente, e ela continuava ouvindo os acordes orquestrais que lhe chegavam como passadas implacáveis de algo que não podia ser interrompido. Balançou a cabeça com raiva para fazer cair o chapéu e acendeu um cigarro.

Não dormiria, pensou. Podia aguentar até a noite do dia seguinte. O ritmo das rodas aumentou. Ela estava tão acostumada com aquele ruído que não o ouvia conscientemente. Mesmo assim, o som criava dentro dela uma sensação de paz. Quando apagou o cigarro, sentiu imediatamente que precisava de outro, mas achou que devia se dar um tempo, só uns poucos minutos, antes de acendê-lo...

Ela tinha caído no sono e agora despertava com um solavanco. E sabia que havia alguma coisa errada, embora não soubesse o quê – era que o trem tinha parado. O vagão estava em silêncio e na penumbra, à luz azul das lâmpadas. Deu uma olhada no relógio: não havia razão para aquela parada. Olhou pela janela: o trem estava imóvel no meio de um descampado.

Ouviu que alguém se mexia do outro lado da cabine e perguntou:

– Há quanto tempo estamos parados?

– Mais ou menos uma hora – respondeu a voz de um homem, indiferente. Ele olhou para ela espantado, pois ela se levantara e corraera para a porta.

Havia lá fora um vento frio e uma extensão vazia de terra debaixo de um céu vazio. Ela ouviu um ruído de plantas que se agitavam, na escuridão. Lá na frente divisou os vultos de homens de pé, perto da locomotiva, e acima deles, dependurada, destacando-se do céu, a luz vermelha de um sinal.

Caminhou rapidamente na direção deles, vendo desfilar por ela as rodas imóveis do trem. Ninguém se dignou a olhar para ela, quando chegou junto deles. Lá estavam alguns membros da tripulação e alguns passageiros aglomerados, em baixo da luz vermelha, parados e conversando, numa plácida indiferença.

– O que está havendo? – perguntou.

O maquinista se virou, espantado. A pergunta havia soado como uma ordem, não como a curiosidade amadorística de um passageiro. Ela conservava as mãos nos bolsos, a gola levantada. O vento agitava seus cabelos e os fazia bater-lhe no rosto.

– Sinal vermelho, senhora – disse ele, apontando para cima com o polegar.

– Há quanto tempo está assim?

– Uma hora.

– Estamos fora da linha principal, não estamos?

– Sim, senhora.

– Por quê?

– Não sei.

– Eu acho – disse o chefe do trem – que a chave não estava funcionando direito: não tínhamos nada que ter saído para este desvio. E essa coisa aí – acrescentou, apontando para o sinal vermelho – para mim está quebrada. Não vai mudar de cor.

– E que providência vocês estão tomando?

– Estamos esperando que a luz mude.

O silêncio dela era de raiva. O foguista riu:

– Na semana passada o Especial da Sul-Atlântica ficou largado num desvio durante duas horas, só por causa do erro de alguém.

– Este é o Cometa Taggart – disse ela. – O Cometa nunca chegou tarde.

– É o único trem no país que nunca se atrasou – disse o maquinista.

– Há sempre uma primeira vez – disse o foguista.

– A senhora não entende de ferrovias, moça – disse um passageiro. – Não há um só sistema de sinais, nem um só despachante no país que valham alguma coisa.

Ela não se voltou nem olhou para ele, mas falou para o maquinista:

– Já que o senhor sabe que o sinal está quebrado, o que pretende fazer?

O homem não gostou do seu tom autoritário e não pôde entender por que ela o adotava com tanta naturalidade. Parecia uma mocinha; só a boca e os olhos mostravam que tinha quase 30 anos. Os olhos cinza-escuro eram diretos e perturbadores, como se atravessassem as coisas, empurrando para o lado tudo o que era irrelevante. O rosto lhe parecia levemente familiar, mas não se lembrava de onde o conhecia.

– Minha senhora, não tenho a intenção de arriscar minha pele – respondeu ele.

– Ele quer dizer que nossa obrigação é cumprir ordens – disse o foguista.

– Sua obrigação é botar esse trem para andar.

– Avançando o sinal, não. Se a luz manda parar, a gente para.

– Luz vermelha é sinal de perigo, minha senhora – disse o passageiro.

– Não nos arriscamos – disse o maquinista. – O culpado por tudo isto vai botar a culpa em nós se tomarmos alguma iniciativa. Por isso, só vamos sair daqui quando alguém nos der ordem para sair.

– E se ninguém der ordem?

– Alguém vai aparecer, mais cedo ou mais tarde.

– Quanto tempo vocês pretendem esperar?

O maquinista deu de ombros:

– Quem é John Galt?

– Ele quer dizer: não faça perguntas a que ninguém pode responder – disse o foguista.

Ela olhou para a luz vermelha e para os trilhos que se perdiam na escuridão, na distância inalcançável. Disse, então:

– Avance com cuidado até o próximo sinal. Se estiver em ordem, vá para a via principal. E aí pare no primeiro centro de controle.

– Ah, é? Por ordem de quem?

– Minha.

– E quem é a senhora?

Foi apenas uma pausa, um momento de perplexidade diante de uma pergunta pela qual ela não esperara, mas o maquinista olhou para seu rosto com mais atenção e exclamou “Meu Deus!” ao mesmo tempo que ela respondeu, sem tom de ofensa, apenas como quem não ouve a pergunta com muita frequência:

– Dagny Taggart.

– Essa não! – exclamou o foguista, quando um silêncio pesado caiu sobre todos.

Ela continuou, com o mesmo tom de autoridade tranquila:

– Prossiga até a via principal e pare o trem para mim no primeiro escritório ferroviário que encontrar aberto.

– Sim, senhora.

– É preciso compensar o tempo perdido. Você tem todo o resto da noite para fazê-lo. Faça o Cometa chegar dentro do horário previsto.

– Sim, senhora.

Quando ela já se virava para se afastar, a voz do maquinista a interrompeu:

– Se houver algum problema, a responsabilidade é da senhora?

– É.

O chefe do trem a seguiu enquanto ela retornava. Parecia desnorteado e dizia:

– Mas num vagão comum... senhorita Taggart... Por quê?... Por que não nos avisou?...

Ela sorriu com naturalidade:

– Não tinha tempo para formalidades. Meu vagão particular foi atrelado ao número 22 em Chicago, mas saltei em Cleveland. E, como o trem estava atrasado, passei para o Cometa, sem o meu vagão. Não havia mais lugar em nenhum vagão-leito.

O chefe do trem sacudiu a cabeça.

– O irmão da senhora não teria embarcado num vagão de segunda.

Ela riu, concordando:

– É verdade.

Os homens perto da locomotiva a observavam enquanto ela se afastava. O jovem guarda-freio, que estava entre eles, perguntou, apontando para ela:

– Quem é aquela, afinal?

– *Aquela* é a pessoa que manda na Taggart Transcontinental – disse o maquinista. E em sua voz parecia ouvir-se um tom de respeito genuíno. – Ela é a vice-presidente de operações da Taggart Transcontinental.

Quando o trem deu a partida, com seu apito estridente ressoando pelos campos, Dagny sentou-se perto da janela e acendeu outro cigarro. Pensava: *Está tudo caindo aos pedaços, exatamente como aqui, por todo o país... Coisas assim podem acontecer em*

qualquer parte e a qualquer momento. Mas não sentia ansiedade ou raiva. Sabia que não tinha muito tempo pela frente para isso.

Este ia ser apenas mais um assunto a ser discutido entre muitos outros. Sabia que o superintendente da divisão de Ohio não era dos melhores, mas era amigo de James Taggart. Algum tempo atrás, ela deixara de insistir em sua demissão porque não tinha ninguém melhor para o substituir no cargo. Como era difícil encontrar pessoas competentes! Mas tinha de se livrar dele e dar seu posto a Owen Kellogg, um engenheiro jovem que estava realizando um trabalho brilhante como assistente administrativo no Terminal Taggart de Nova York. Na verdade, era Kellogg que estava dirigindo o terminal. Durante algum tempo ela havia observado o seu trabalho. Vivia procurando centelhas de competência como se fosse uma obstinada catadora de diamantes num monturo. Kellogg era ainda muito moço para ser nomeado superintendente de divisão. Ela pretendia esperar mais um ano, mas agora não havia tempo a perder. Precisava falar com ele logo que chegasse.

A faixa de terra que se via vagamente pela janela começava agora a correr mais depressa, transformando-se numa tira cinzenta. Através das secas frases que povoavam seus pensamentos, verificou que havia tempo para sentir algo: a dura e exultante sensação de estar agindo.



Ao receber no rosto a primeira lufada de ar sibilante, quando o Cometa mergulhou no túnel do Terminal Taggart sob a cidade de Nova York, Dagny Taggart se esticou na cadeira, rígida. Sempre experimentava aquela sensação ao entrar nos túneis – um misto de ansiedade, esperança e secreta exaltação. Era como se até então a vida fosse uma fotografia de coisas sem forma, impressa precariamente em cores pálidas. Agora, ao contrário, ela entrava num desenho esquemático rápido e vigoroso, feito em pinceladas bruscas – as coisas pareciam nítidas, importantes, e valia a pena se relacionar com elas. Olhava os túneis enquanto passavam: paredes nuas de concreto, uma rede de canos e fios, trilhos que desapareciam em buracos negros onde luzes verdes e vermelhas como manchas coloridas brilhavam ao longe. Nada mais havia, nada que diluísse as coisas, de modo que era possível apreciar a determinação nua e a engenhosidade que a transformara em realidade. Pensou no Edifício Taggart, que neste momento estava acima de sua cabeça e procurava o céu. Pensou que estava nas raízes do edifício, raízes ocas que se retorciam no subsolo e alimentavam a cidade.

O trem parou e ela desceu. Ao contato do concreto da plataforma sob seus pés, sentiu-se leve, ágil, pronta para a ação. Começou a andar depressa, como se seus passos rápidos pudessem dar forma às coisas que sentia. Demorou a perceber que estava assoviando algo – o tema do quinto concerto de Halley.

Sentiu que alguém olhava para ela e se voltou. Era o jovem guarda-freio que a observava, tenso.



Dagny estava sentada no braço da poltrona em frente à escrivadinha de James Taggart, com o casaco aberto, deixando aparecer sua roupa de viagem amassada. Eddie Willers estava sentado do outro lado da sala, fazendo anotações de vez em quando. Seu cargo era o de assistente especial da vice-presidente de operações, e seu dever principal era o de ser seu guarda-costas contra qualquer espécie de perda de tempo. Ela lhe pedia para sempre estar presente em reuniões desse tipo, porque assim não precisaria lhe explicar nada depois. Taggart estava sentado à mesa, com a cabeça encolhida para dentro dos ombros.

– A Linha Rio Norte é um monte de lixo do princípio ao fim – disse ela. – É muito pior do que eu pensava. Mas vamos recuperá-la.

– É claro – disse Taggart.

– Parte dos trilhos pode ser salva. Não muito e não por muito tempo. Começaremos colocando trilhos novos nos trechos montanhosos. O Colorado primeiro. Trilhos novos em dois meses.

– Orren Boyle disse que...

– Encomendei trilhos da Siderúrgica Rearden.

O leve pigarro que partiu de Eddie Willers equivalia ao seu desejo refreado de aplaudir.

Taggart não respondeu de imediato. Após uma pausa, disse:

– Dagny, por que você não se sente direito, como todo mundo faz? – O tom de voz era petulante. – Ninguém trata de negócios desse jeito.

– Eu trato.

Ela esperou. Ele perguntou, evitando o olhar dela:

– Você disse que já encomendou os trilhos à Siderúrgica Rearden?

– Ontem à tarde. Telefonei para ele de Cleveland.

– Mas a diretoria não autorizou. Eu não autorizei. Você não me consultou.

Dagny estendeu o braço, pegou o telefone na mesa dele e o ofereceu ao irmão:

– Ligue para Rearden e cancele o pedido.

Taggart se encostou na cadeira.

– Eu não disse que quero cancelar nada – retrucou, irritado. – Não disse isso, absolutamente.

– Então o pedido está de pé?

– Também não disse isso.

Dagny se virou.

– Eddie, mande preparar o contrato com a Siderúrgica Rearden. Jim vai assinar. – Tirou um pedaço amassado de papel de um dos bolsos e o estendeu para Eddie. – Aqui estão os números e as cláusulas.

– Mas a diretoria ainda não... – foi dizendo Taggart.

– A diretoria não tem nada a ver com isso. Eles o autorizaram a comprar os trilhos, 13 meses atrás. Quanto ao lugar onde você faz a compra, é problema seu.

– Não acho direito tomar uma decisão dessas sem dar à diretoria uma chance de opinar. Nem vejo razão para que eu assuma a responsabilidade.

– Eu assumo.

– Mas e os gastos que...

– Rearden está cobrando menos do que as Siderúrgicas Associadas de Orren Boyle.

– Muito bem, mas e Boyle? Como fica?

– Já cancelei o contrato. Já poderíamos ter feito isso há seis meses.

– E quando você fez isso?

– Ontem.

– Mas ele não me telefonou para confirmar.

– Ele não vai telefonar.

Taggart baixou a vista. Dagny não entendia por que ele não gostava de ter que fazer negócios com Rearden e por que essa repulsa era assim disfarçada, estranha. A Siderúrgica Rearden tinha sido o maior fornecedor da Taggart Transcontinental durante 10 anos, desde a primeira fornada da usina, no tempo em que o pai dela e de James era o presidente da rede. Durante uma década, a maior parte dos trilhos da companhia foram feitos pela Rearden. Não havia no país muitas firmas que entregassem as encomendas tal como haviam sido pedidas e dentro dos prazos fixados. A Siderúrgica Rearden era uma dessas poucas. *Se eu fosse louca*, pensava Dagny, *poderia concluir que meu irmão não gosta de negociar com Rearden porque este é extremamente eficiente em seu trabalho*. Mas ela não podia tirar tal conclusão: pensar assim era humanamente impossível.

– Não é justo – disse Taggart.

– O que quer dizer?

– Sempre negociamos com Rearden. Pareceu-me que devíamos dar uma oportunidade aos outros, também. Ele não precisa de nós. Já cresceu o bastante. Devemos ajudar os menores, fazer com que cresçam. Senão estaremos estimulando um monopólio.

– Que bobagem, Jim!

– Por que somos obrigados a fazer pedidos exclusivamente à Rearden?

– Porque somos bem atendidos.

– Não gosto de Henry Rearden.

– Eu gosto. Mas isso não importa, de qualquer modo. Precisamos de trilhos e ele é o único que pode fornecê-los.

– O elemento humano é muito importante. Você não tem sensibilidade para o fator humano.

– Não. Não tenho, mesmo.

– Se fizermos uma encomenda de trilhos de aço tão grande à Rearden...

– Não serão de aço. Serão de metal Rearden.

Ela sempre evitava manifestar reações pessoais, mas não conseguiu se conter quando viu a cara de Taggart: caiu na gargalhada.

O metal Rearden era uma liga nova, produzida depois de 10 anos de pesquisas. Ele a tinha colocado no mercado muito recentemente. Ainda não tinha recebido qualquer encomenda.

E, como a voz de Dagny subitamente se tornou fria e direta, Taggart ficou confuso ao ouvi-la:

– Chega, Jim. Sei perfeitamente tudo o que você vai dizer. Que ninguém usou a liga antes. Que ninguém, ainda, aprovou o metal Rearden. Que ninguém se interessa por ele. Pois, mesmo assim, nossos trilhos vão ser de metal Rearden.

– Mas... – gaguejou Taggart – mas... mas ninguém ainda usou essa liga!

E constatou, com satisfação, que Dagny ficou muda de irritação. Para ele era um prazer observar emoções, pareciam-lhe lanternas vermelhas ao longo do percurso desconhecido da personalidade do outro, que indicavam os pontos fracos. Mas ter emoções por causa de uma liga metálica era algo que ele não entendia, assim como não podia entender o que significava tudo aquilo. Não podia, portanto, aproveitar essa sua descoberta em relação à emoção da irmã.

– As maiores autoridades em metalurgia se mostram muito céticas a respeito do metal Rearden. Dizem que...

– Basta, Jim.

– Em que opinião você se baseia?

– Não peço opiniões.

– E como se decide?

– Pelo discernimento.

– Discernimento de quem?

– O meu.

– Mas quem você consultou?

– Ninguém.

– Que diabos você sabe sobre o metal Rearden?

– Que é a melhor coisa que já foi posta à venda.

– Por quê?

– Porque é mais duro do que o aço, mais barato do que o aço e dura mais do que qualquer metal existente.

– Mas quem afirma isso?

– Jim, eu estudei engenharia. Quando vejo uma coisa, eu vejo.

– E o que você viu?

– A fórmula de Rearden e os testes que ele realizou com o metal.

– Bom, se fosse tão eficiente assim, alguém já teria usado, e ninguém usou. – Ele

viu a raiva estampada no rosto dela e continuou, nervoso: – Como você pode ter certeza de que é bom? Como pode decidir?

– Alguém tem que tomar essas decisões, Jim. Quem?

– Não vejo por que devamos ser os primeiros. Não vejo, mesmo.

– Você quer ou não quer salvar a Rio Norte? Se a empresa pudesse, eu arrancaria todos os trilhos do sistema e colocaria trilhos de metal Rearden em seu lugar. É preciso trocar tudo. Nenhum segmento vai aguentar muito tempo mais. Mas ainda não podemos. Temos que sair do buraco, antes de mais nada. Você quer que isso aconteça ou não?

– Ainda somos a melhor ferrovia do país. O serviço das outras é muito pior.

– Você quer que continuemos no buraco?

– Eu não disse isso! Por que você sempre simplifica as coisas desse jeito? E, se está preocupada com dinheiro, não vejo por que quer gastá-lo na Rio Norte, quando a Phoenix-Durango nos roubou tudo lá naquela região. Por que gastar mais dinheiro quando não temos proteção contra um concorrente que vai destruir nosso investimento?

– Porque a Phoenix-Durango é uma excelente ferrovia, mas eu pretendo tornar a Rio Norte ainda melhor. Porque vou derrotá-la, se necessário – e só se for necessário, porque no Colorado vai haver espaço para duas ou três ferrovias fazerem fortuna. Porque eu hipotecaria todo o sistema para construir uma linha só para servir Ellis Wyatt.

– Não aguento mais ouvir falar de Ellis Wyatt.

Ele não gostou da maneira como Dagny moveu os olhos para ele e ficou parado, fitando-a por um momento.

– Não vejo necessidade de ação imediata – disse ele, parecendo ofendido – nem entendo o que você considera tão alarmante na Taggart Transcontinental.

– São consequências de sua política, Jim.

– Que política?

– Aquela experiência de 13 meses com as Siderúrgicas Associadas, por exemplo, ou, se quer outro exemplo, a sua catástrofe no México.

– A diretoria aprovou o contrato das Siderúrgicas Associadas – disse ele mais que depressa. – Ela votou a favor da construção da Linha San Sebastián. E não vejo nenhuma catástrofe naquilo.

– É catástrofe porque o governo mexicano vai nacionalizar a estrada de ferro qualquer dia desses.

– Mentira! – Ele estava quase gritando. – Isso é intriga! Tenho informações de fontes muito bem informadas que...

– Não demonstre que você está com medo, Jim – disse ela, calma.

Ele não respondeu.

– Não adianta entrar em pânico – continuou ela. – Tudo o que podemos fazer é tentar amortecer o golpe. Vai ser um golpe duro. Quarenta milhões de dólares são

uma perda da qual não nos recuperaremos facilmente. Porém a Taggart Transcontinental já sofreu golpes duros no passado. Vai aguentar esse também.

– Recuso-me a considerar a possibilidade de que a San Sebastián vá ser nacionalizada!

– Tudo bem. Recuse-se.

Ela permaneceu em silêncio. E ele disse, na defensiva:

– Não entendo por que você faz tanta questão de ajudar Ellis Wyatt, ao mesmo tempo que acha errado ajudar um país menos favorecido.

– Ellis Wyatt não está pedindo a ninguém que o ajude. E eu não estou aqui para ajudar ninguém. Estou operando uma ferrovia.

– Isso me parece uma visão muito estreita. Não entendo por que a gente deve ajudar um homem em vez de ajudar uma nação.

– Não estou interessada em ajudar ninguém. Estou interessada em ganhar dinheiro.

– Uma atitude pouco prática. Essa voracidade egoísta em relação ao lucro é coisa do passado. Todo mundo concorda que os interesses da sociedade como um todo devem vir na frente de qualquer negócio que...

– Por quanto tempo você vai ficar se esquivando do assunto, Jim?

– Que assunto?

– A encomenda de metal Rearden.

Ele não respondeu. Examinava-a, em silêncio. Seu corpo esguio, que estava a ponto de desmoronar de cansaço, parecia ser sustentado pela linha reta dos ombros, e os ombros eram mantidos por um esforço voluntário e consciente. Poucas pessoas apreciavam o rosto dela: era frio, com olhos vivos demais; nada fazia nascer, em seu rosto, tons suaves. As pernas bonitas, que desciam do braço da poltrona e ocupavam o centro do campo de visão de Taggart, o irritavam, por contradizer o restante de sua avaliação.

Uma vez que ela se mantinha calada, ele perguntou:

– Você decidiu fazer a encomenda sem mais nem menos, num impulso, ao pegar num telefone?

– Decidi seis meses atrás. Esperei apenas que Hank Rearden pusesse o metal na linha de produção.

– Não o chame de *Hank* Rearden. É vulgar.

– É assim que todos o chamam. Não mude de assunto.

– Por que você tinha que telefonar para ele ontem à noite?

– Não pude encontrá-lo mais cedo.

– Por que não esperou até chegar a Nova York e...

– Porque eu vi a Linha Rio Norte.

– Bem, preciso de tempo para pensar, levar o assunto à diretoria, consultar os melhores...

– Não há tempo.

– Você não me deu tempo de formar uma opinião.

– Pouco me importa a sua opinião. Não vou discutir com você, nem com a sua diretoria nem com seus peritos. Você tem uma escolha a fazer e vai fazê-la agora. Diga apenas sim ou não.

– Isso é uma maneira descabida, arbitrária, arrogante de...

– Sim ou não?

– Este é o seu problema. Você reduz tudo a sim ou não. As coisas não são absolutas assim. Nada é absoluto.

– Os trilhos são. Ou a gente compra ou não compra.

Ela esperou, e ele não deu resposta alguma.

– Então?

– Você se responsabiliza?

– Sim.

– Então vá em frente – disse ele –, mas é por sua conta. Não cancelo o pedido, mas não vou prometer nada quanto o que direi à diretoria.

– Pode dizer o que bem entender.

Ela se levantou para sair. Ele se inclinou para a frente sobre a escrivanhinha, como para retê-la, sem querer encerrar a reunião de modo tão decisivo.

– Você compreende, evidentemente, que vão ser necessárias inúmeras providências para pôr tudo isso em ordem – disse Taggart, num tom de voz que parecia dar a entender que aqueles obstáculos lhe agradavam. – A coisa não é tão simples assim.

– Claro – disse ela. – Vou lhe mandar um relatório detalhado, que Eddie vai preparar, e que você não vai ler. Eddie o ajudará a convencer os outros. Eu vou a Filadélfia hoje de noite para ver Rearden. Temos muito trabalho a fazer, ele e eu. – Acrescentou: – É só isso e nada mais que isso, Jim.

Ela já se voltava para sair quando ele falou:

– Para você, tudo está bem porque você tem sorte. Os outros não fazem assim.

– Fazem o quê?

– As outras pessoas são humanas. Sensíveis. Não podem dedicar uma vida inteira a metais e máquinas. Você tem sorte. Nunca teve sentimentos. Nunca sentiu nada.

Dagny olhou para ele, e em seus olhos escuros a perplexidade lentamente se transformou em indiferença. Depois surgiu neles uma expressão estranha, que parecia de cansaço, porém exprimia muito mais que o esforço de suportar aquele momento.

– É, Jim – disse ela calmamente. – Eu creio que realmente nunca senti nada.

Eddie Willers seguiu-a até o escritório. Toda vez que ela voltava, ele sentia que o mundo se tornava claro, simples, fácil de enfrentar – e esquecia seus momentos de apreensão e dúvida. Ele era a única pessoa a achar completamente natural que ela ocupasse, sendo mulher, a vice-presidência de uma grande companhia de transportes. Ela lhe dissera, quando ele tinha 10 anos, que um dia chegaria, como chegara, a dirigir a companhia. Ele não se espantava com isso agora, da mesma maneira que não se espantara quando ela fizera aquela afirmativa, numa clareira do bosque.

Quando chegaram ao escritório dela e Eddie a viu sentar-se à mesa e olhar os memorandos que ele deixara lá para ela, teve a sensação que usualmente experimentava em seu carro, quando o motor pegava e ele se preparava para partir.

Já ia deixá-la só, quando se lembrou de algo que ainda não lhe dissera.

– Owen Kellogg, da divisão de terminais, pediu para ser recebido por você – avisou. Ela o olhou espantada.

– Engraçado! Eu ia exatamente mandar chamá-lo. Mande que suba. Quero vê-lo... Ah, Eddie – acrescentou subitamente –, antes de mais nada, peça uma ligação para o Ayers, da Companhia Ayers de Publicações Musicais.

– A Companhia Ayers de Publicações Musicais? – ele repetiu, incrédulo.

– É. Quero perguntar uma coisa a ele.

Quando a voz do senhor Ayers, cortês e determinada, perguntou como poderia servi-la, ela expôs o que queria saber:

– Pode me informar se Richard Halley compôs um novo concerto para piano, o quinto?

– Um *quinto* concerto, Srta. Taggart? Não.

– Tem certeza?

– Absoluta. Ele não compõe nada há oito anos.

– Ele está vivo?

– Está sim... Aliás... Não sei dizer com certeza. Ele passou a viver inteiramente em reclusão... Mas teríamos sido notificados se ele tivesse morrido.

– Se ele tivesse composto algo, o senhor também teria tido notícia?

– Certamente. Teríamos sido os primeiros a saber. Somos nós que editamos toda a sua obra. Mas ele parou de compor.

– Está bem. Muito obrigada.

Quando Owen Kellogg entrou no escritório, ela o olhou satisfeita. Agradava-lhe ver que havia acertado ao se lembrar, embora vagamente, de sua aparência. O rosto tinha aquela mesma qualidade do guarda-freio do trem, característica dos homens com os quais ela podia trabalhar.

– Sente-se, senhor Kellogg – disse ela, mas ele permaneceu em pé, diante de sua escrivaninha.

– A senhorita me pediu certa vez que lhe avisasse se decidisse mudar de emprego, Srta. Taggart – disse ele. – Por isso vim aqui. Estou me demitindo.

Ela podia esperar tudo, menos aquilo. Precisou de algum tempo até perguntar:

– Por quê?

– Por um motivo de ordem pessoal.

– Está descontente com a empresa?

– Não.

– Recebeu uma oferta melhor?

– Não.

- Para que companhia ferroviária você vai?
- Nenhuma, Srta. Taggart.
- E vai trabalhar em quê?
- Ainda não decidi.

Ela o examinava, sentindo-se vagamente mal. Não havia hostilidade no rosto dele. Kellogg a olhava diretamente, respondia de modo simples e franco.

- Por que então deseja sair?
- É uma questão pessoal.
- Está doente? Tem algum problema de saúde?
- Não.
- Vai deixar a cidade?
- Não.
- Recebeu alguma herança que lhe permita aposentar-se?
- Não.
- Vai trabalhar para viver?
- Sim.
- Mas não deseja trabalhar na Taggart Transcontinental.
- Exatamente.
- Deve ter acontecido alguma coisa que o levou a tomar essa decisão. O que foi?
- Nada, Srta. Taggart.
- Gostaria que me dissesse. Tenho uma razão pessoal para querer saber.
- Aceitaria minha palavra, Srta. Taggart?
- Sim.
- Nenhuma pessoa, coisa ou acontecimento daqui teve nada a ver com a minha decisão.
- Você não tem nenhuma queixa específica contra a Taggart Transcontinental?
- Nenhuma.
- Então talvez você reconsidere quando ouvir a oferta que tenho a lhe fazer.
- Sinto muito, Srta. Taggart. Não posso.
- Posso lhe dizer o que tenho em mente?
- Se a senhorita desejar.
- Acredita que decidi lhe oferecer este posto antes de você pedir para me ver?

Quero que saiba disso.

- Sempre acreditei na senhorita.
- É o posto de superintendente da divisão de Ohio. É seu, se quiser.

O rosto dele não mostrou qualquer reação, como se as palavras não tivessem qualquer sentido ou fossem dirigidas a um selvagem que jamais tivesse ouvido falar de ferrovias.

- Não estou interessado, Srta. Taggart.

Depois de um curto intervalo, ela insistiu:

– Diga o seu preço, Kellogg. Quero que você fique. Posso cobrir a oferta de qualquer outra ferrovia.

– Não vou trabalhar para nenhuma outra.

– Pensei que você gostasse do seu trabalho.

Aparecia nele o primeiro sinal de emoção, seus olhos se abriram um pouco mais, e ouviu-se uma ênfase contida na voz quando ele respondeu:

– E gosto.

– Então me diga o que devo fazer para que você fique! – gritou ela.

A explosão foi tão obviamente franca e incontrolável que ele a olhou como se ela o houvesse atingido.

– Talvez não seja correto eu vir aqui lhe dizer que estou me despedindo, Srta. Taggart. Eu sei que me pediu para avisar a fim de que pudesse me fazer, em tempo, uma contraproposta. Assim, se venho, dou a impressão de que há espaço para negociação. Mas não há. Vim apenas porque... não quis faltar com minha palavra com a senhorita.

Um ligeiro tremor na voz dele lhe deu uma súbita revelação de quanto o interesse e o pedido de Dagny tinham significado para ele e de que a decisão não tinha sido fácil.

– Kellogg, há alguma coisa que eu possa oferecer para você ficar?

– Nada, Srta. Taggart. Nada neste mundo.

Ele se voltou para deixar a sala. Pela primeira vez na vida ela sentiu-se perdida e derrotada.

– Por quê? – perguntou ela, sem se dirigir a ninguém.

Ele parou. Deu de ombros e sorriu. Era como se ele voltasse à vida, e aquele era o sorriso mais estranho que ela jamais vira: continha um contentamento interior e secreto, e desânimo, e infinita amargura. E ele disse:

– Quem é John Galt?